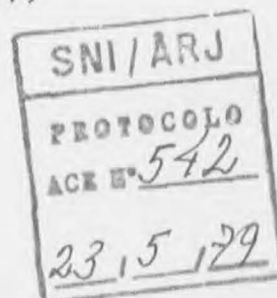
CONFIDENCIAL

SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES

AGÊNCIA RIO DE JANEIRO

INFORMAÇÃO Nº 084 / 118 /ARJ/ 79

DATA : 18 de maio de 1979
ASSUNTO : PROGRAMA NUCLEAR BRASILEIRO
REFERÊNCIA :
ÁREA :
PAÍS :
DIFUSÃO ANT. :
DIFUSÃO : AC/SNI
ANEXO :

1 - Em junho de 1975, o BRASIL e a RFA assinaram um Acordo sobre cooperação no setor dos usos pacíficos da energia nuclear, com vistas à absorção da técnica de enriquecimento do urânio e da tecnologia de reatores. O Acordo prevê, ainda, um esforço maciço no campo da prospecção de minérios nucleares, para avaliar, no menor tempo possível, as reais disponibilidades brasileiras quanto a urânio.

2 - Entrementes, o Acordo Nuclear, mais especificamente o Programa Nuclear Brasileiro, tem sido alvo de acirradas críticas, que ocupam grandes partes do noticiário da Imprensa. Para uma melhor avaliação do problema - critério estritamente indutivo - divide-se o elenco de opiniões contrárias ao Programa em três estágios distintos:

a - o primeiro estágio foi caracterizado por pressões puramente externas. A idéia inicial de "congelamento" provisório do Acordo de Cooperação Nuclear foi lançada, a público, em fins de 1976 e início de 1977, pelo Governo americano. As recomendações a respeito do problema da transferência de tecnologia nuclear a países não signatários do Tratado de Não Proliferação Nuclear - uma das plataformas do candidato à Presidência dos ESTADOS UNIDOS - foram dirigidas ao BRASIL, por ter o nosso País se recusado a assinar o referido Tratado, em 1967. Na ocasião, foi tentado, sem êxito, o embargo no fornecimento ao BRASIL de urânio enrique

CONFIDENCIAL

cido na EUROPA pela URENCO, Empresa trinacional pertencente a órgãos da HOLANDA, ALEMANHA FEDERAL e da INGLATERRA. Durante essa avalanche de pressões internacionais criou-se, em âmbito interno, um sentimento nacionalista relativamente propício à Política nuclear brasileira. Somente em fins de 1977, passadas as influências coercitivas, começaram a surgir os simpósios e debates sobre a energia e tecnologia do setor, no BRASIL;

b - o estágio seguinte iniciou-se com o incêndio ocorrido, em outubro de 1977, no canteiro de obras da Usina Nuclear de ANGRA DOS REIS. O assunto passou a ganhar destaque especial da Imprensa. Nesse período, já se observavam várias irregularidades que comprometiam o desenvolvimento do Projeto. Os aspectos de segurança tinham sido relegados a um plano secundário. O desentrosamento entre as principais chefias que atuavam sobre a Usina era flagrante. Falhas de segurança industrial foram detectadas. Na ocasião, foram assinalados diversos casos de vazamento de documentos originários do Acordo Nuclear. As deficiências técnicas na instalação do Projeto começavam a ser sentidas, acarretando consideráveis atrasos na consecução do empreendimento. Paralelamente a esses aspectos negativos, ganharam terreno, para atingir o auge no ano seguinte, declarações de cientistas e técnicos brasileiros a respeito das disponibilidades hidráulicas do País. Entre os mais expressivos, destacavam-se LUIZ PINGUELLI ROSA; JOSÉ GOLDENBERG; MÁRIO SCHEMBERG; FREDERICO MAGALHÃES GOMES; ENNIO CANDOTTI e outros. Questionava-se na época, como se questiona / ainda hoje, a necessidade de o BRASIL arcar com os custos elevados da tecnologia nuclear, quando dispunha de um potencial incomensurável de recursos hídricos. Nesse período, também, evidenciou-se o industrial KURT MIRROW por manifestações contrárias ao uso da energia nuclear. Mais tarde, suas idéias foram editadas

no Livro "A LOUCURA NUCLEAR". O coroamento deste estágio verificou-se com a reportagem do Semanário alemão "DER SPIEGEL", publicado no JB de 18 de setembro de 1978, alusiva ao Acordo Nuclear. O articulista destacou, de maneira sensacionalista, dificuldades técnicas, políticas e financeiras para a implantação do Projeto, além de mencionar a participação de Ministros de Estado nas negociações - ditas irregulares - que envolveram os serviços de construção das usinas nucleares, como foi o caso da escolha, sem concorrência pública, da Construtora NORBERTO ODEBRECHT para o empreendimento. Posteriormente, o teor da matéria veiculada foi cercado por considerável aparato publicitário, com conseqüências predominantemente políticas. A CPI que ora se desenvolve é uma das repercussões da reportagem;

c - o terceiro e atual estágio, mais significativo de todos, fez recrudescer as campanhas contrárias ao Programa nuclear. O acidente nuclear ocorrido recentemente nos ESTADOS UNIDOS, bem como a visita do Chanceler alemão, HELMUT SCHMIDT, ao BRASIL, concorreram para esse quadro. As questões relacionadas com a segurança física das usinas brasileiras, até então colocadas em segundo plano, foram avolumadas por declarações de parlamentares, cientistas e do Presidente da CNBB, face ao acidente na usina nuclear americana. A questão dos rejeitos radioativos, especialmente no que tange ao seu armazenamento, foi intensamente realçada pela Imprensa. A recente reunião na ABI, sobre a "Questão Nuclear", que congregou técnicos do setor nuclear e alunos da PUC e da UFRJ, marcou o período em análise. A divergência de opiniões entre órgãos governamentais, no tocante a necessidade de se aumentar o número de estacas nas fundações de ANGRA II, caracterizou também a fase. O posicionamento de alguns setores, antes alheios ao Programa, constituiu-se em aspecto relevante para a estimativa a seguir. De significativo, nesse período, destacaram-se

as notícias chegadas do exterior dando conta da desativação de usinas nucleares estrangeiras. As manifestações públicas verificadas nos ESTADOS UNIDOS, por ocasião do acidente na Usina da PENSILVANIA, ocuparam amplo espaço no noticiário nacional.

3 - À luz dos fatos apresentados, pode-se estimar, para o quadro em que se desenvolve o Programa Nuclear Brasileiro, uma evolução dificultosa. Na imagem desfavorável ao emprego da energia nuclear criada pelos contestadores, os traços negativos têm predomínio sobre os positivos. As críticas ao Programa nuclear estão encontrando terreno favorável no seio da população, notando-se, já em diversos setores, inclusive da Imprensa, uma atitude negativa em relação ao Acordo, já admitido, por amplos segmentos, como dispendioso e superdimensionado, além dos riscos de segurança. Como um novo desdobramento, é provável, a curto e médio prazos, que os movimentos antinucleares extrapolem o nível dos debates reservados, ganhando corpo através de campanhas comunitárias, com vistas à revisão no Programa em apreço. A tentativa de mobilização da opinião pública encontrará respaldo na Imprensa e em algumas entidades científicas e organismos representativos, levando-se em conta o trabalho já desenvolvido.